



# Arte Comentada

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini

(Organizadora)

# Arte Comentada

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Lorena Prestes

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A786 Arte comentada [recurso eletrônico] / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arte Comentada; v.1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-057-5

DOI 10.22533/at.ed.575191801

1. Arte – Crítica e interpretação. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine Mafra. II. Série.

CDD 707

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Arte é um vocábulo carregado de significado, em cima dele existem muitos discursos, ao mesmo tempo que abre leques de possibilidades de entendimento, restringe a compreensão por parte da maioria. Afinal sempre procuramos a resposta certa, fechada, para as questões, e isso não será encontrado na arte. Existem sim conceitos e respostas para ela, mas não um único significado, são caminhos que nos levam a reflexões que enriquecem ainda mais esse discurso.

O que é arte? Este é um questionamento que perpassa os séculos e mantém-se atual, afinal arte é reflexo da sociedade, que está em constante mudança. Arte é resultado da sociedade, e por isso se ressignifica, muda de sentido e de função. Neste momento histórico muitas linguagens artísticas se apresentam como forma de expressão, novas formas de arte que trazem à tona representações, questionamentos, ampliam a abrangência e muitas vezes desmistificam que a arte se volta apenas para uma elite a que ela tem acesso.

Outra grande influência na arte é a própria tecnologia, que além de possibilitar novas linguagens auxiliam na propagação da produção artística atual e histórica. O acesso a arte se torna mais possível, e esse conhecimento cria novos artistas, permitindo assim um círculo virtuoso de produção e conhecimento.

Apresentam-se aqui discussões acerca da arte nas suas mais variadas linguagens, e sua compreensão: a arte é única e individual, seu entendimento depende do repertório, da vivência de cada um, e esses múltiplos olhares complementam a obra.

Discute-se a função social da arte, seu papel como crítica social e o impacto dessa crítica, e apresenta a necessidade de se classificar essas linguagens, como se faz nas ciências exatas. Esse universo amplo permite que se englobem as discussões sobre os sons da cidade, as performances, a dança, as imagens. Percorrendo este caminho chega o momento de o cinema entrar neste debate, além dos movimentos coletivos de arte, finalizando com a imagem, uma vasta discussão sobre suas funções, sua estética, sua função.

Tão ampla como a temática deste livro, essa discussão não se encerra, ela busca respostas e novos caminhos de que podem ser seguidos por pesquisadores, curiosos, estudantes. Quem mergulha neste universo em busca de respostas, acaba encontrando mais perguntas.

Boa leitura! Trace seus caminhos, suas interpretações, suas impressões, e que elas lhe proporcionem muitas reflexões!

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>7</b>
JANELAS MÚLTIPLAS, JANELAS DO OLHO, ESPÍRITO DA ALMA, ESPELHO DO MUNDO.	
Sandra Makowiecky	
DOI 10.22533/at.ed.5751918011	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>20</b>
COLETIVO ANDORINHA: UM ANO DE EXISTÊNCIA, DE RESISTÊNCIA, DE POLÍTICA, DE ARTE, DE EDUCAÇÃO	
Samara Azevedo de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5751918012	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
AS ARTISTAS NO INÍCIO DO SÉCULO NO RIO GRANDE DO SUL E A CRÍTICA DE ARTE	
Ursula Rosa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5751918013	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>29</b>
TANTO FAZ SE É PERFORMANCE OU NÃO	
Natasha de Albuquerque	
Maria Beatriz de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.5751918014	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>41</b>
ENTRE JANELAS E PESSOAS: EM BUSCA DE UMA ESCUTA CIDADINA	
Thais Rodrigues Oliveira Sainy Coelho	
Borges Veloso	
DOI 10.22533/at.ed.5751918015	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
A ARTE DO CORPO PERFORMÁTICO MEDIADO PELA TELA DO CINEMA DOCUMENTAL: AS FORMAS-FENDAS DO OLHAR NA(DA) DANÇA	
Cristiane Wosniak	
DOI 10.22533/at.ed.5751918016	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>69</b>
MEMÓRIA EM DIÁRIOS DE VIDEOGRAMAS – UM DIÁLOGO ENTRE A RETOMADA DE IMAGENS DE ARQUIVO PROPOSTA POR JONAS MEKAS E HARUN FAROCKI	
Guilherme Bento de Faria Lima	
Monica Rodrigues Klemz	
DOI 10.22533/at.ed.5751918017	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>80</b>
“SOMBRA DO PASSADO”: O PERDÃO EM BUSCA PELA VERDADE E RECONCILIAÇÃO	
Alessandro Galletti	
Ricardo Vilariço Ferreira Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.5751918018	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>94</b>
DISPOSITIVO E COLETIVOS ARTÍSTICOS: UMA METODOLOGIA DE NARRAR O ENCONTRO	
Lara Lima Satler	
Lisandro Magalhães Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.5751918019	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>109</b>
PRODUÇÃO DE SENTIDOS E (RE) SIGNIFICAÇÃO NA HISTÓRIA A PARTIR DO MOVIMENTO <b>BLACKFACE</b>	
Daiany Bonácio	
Giuliano Mattos	
Viviane Dias Ennes	
DOI 10.22533/at.ed.57519180110	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>125</b>
DA LEMBRANÇA AO SONHO: ANÁLISE FÍLMICA DE “A DANÇA DA REALIDADE”, DE ALEJANDRO JODOROWSKY.	
Ana Carolina Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.57519180111	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>134</b>
BREVES APONTAMENTOS SOBRE O ONÍRICO, OU UMA PRIMEIRA IMERSÃO NAS IMAGENS SEM LUZ	
Carlos de Azambuja Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.57519180112	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>142</b>
IMAGENS SENDO IMAGENS: REFLEXÕES DE UM CAMPO DE LUTA, RESISTÊNCIA E PODER.	
Patrícia Quitero Rosenzweig	
Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.57519180113	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>158</b>
QUESTÕES ESTÉTICAS DAS MÍDIAS: LATITUDES COMO EXEMPLO TRANSMIDIÁTICO	
Vanessa de Cassia Witzki Colatusso.	
DOI 10.22533/at.ed.57519180114	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>169</b>
IMAGEM E MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DO ARQUIVO DO FOTÓGRAFO PROFISSIONAL	
Thiago Guimarães Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.57519180115	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>177</b>
OS PIONEIROS DA FOTOGRAFIA EM PONTA GROSSA: UMA ANÁLISE DO JORNAL O PROGRESSO E CASA DA MEMÓRIA	
Tais Maria Ferreira	
Carlos Alberto de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.57519180116	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>189</b>

## COLETIVO ANDORINHA: UM ANO DE EXISTÊNCIA, DE RESISTÊNCIA, DE POLÍTICA, DE ARTE, DE EDUCAÇÃO

**Samara Azevedo de Souza**

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Mestrado em Arte Multimédia (Audiovisuais). Centro de Investigação e de Estudos em Belas Artes (CIEBA). Lisboa, Portugal.

**RESUMO:** Esta investigação visa apresentar primeiramente a existência e as práticas do Coletivo Andorinha, que partem da narrativa da discussão política, mas se expandem para além. Discorre sobre o conceito de escultura social de Joseph Beuys, que entende a arte em horizontes mais amplos e como o mecanismo de uma nova ordem social. Traz também algumas reflexões de Paulo Freire no âmbito da educação, a entendendo como ferramenta crítica, política e de intervenção no mundo. Por último, tece aproximações entre os conceitos apresentados e as práticas do Coletivo Andorinha.

**PALAVRAS-CHAVE:** escultura social, Coletivo Andorinha, pedagogia da autonomia, arte-política, arte-educação.

**ABSTRACT:** This research aims to identify the existence and practices of the Coletivo Andorinha, which begin with the narrative of political discussions, but expand beyond that.

It discusses the concept of social sculpture of Joseph Beuys, who understands the art in broader horizons and as the mechanism of a new social order. It also brings some reflections of Paulo Freire about education, understanding it as a critical tool, political and intervention in the world. Finally, it weaves about the approximations between the concepts used and the practices of the Coletivo Andorinha.

**KEYWORDS:** social sculpture, Coletivo Andorinha, Pedagogy of autonomy, art-politics, art-education.

### 1 | INTRODUÇÃO

Desde a crise mundial de 2008, o mundo tem passado por mudanças políticas significativas. É claro que vive-se sempre em tempo de mudança. Mas o retorno de um conservadorismo radical, de discursos xenófobos, a crise de refugiados, as soluções através de figuras políticas de discurso fácil e de milagres imediatos, passando pelo retrocesso de direitos dos mais frágeis, têm apresentado novos desafios para os indivíduos se colocarem no mundo.

Desafios estes tanto para os indivíduos, quanto para as artes e para a educação. Momento novo para a geração que nasceu nos

anos oitenta e noventa, mas que traz um carácter cíclico pertencente a outras fases da história da humanidade.

Frutos deste período, surgem novas propostas de organização, que não atendem a lógicas associativas, nem partidárias, nem artísticas isoladamente. Como exemplo, nos referindo à situação política no Brasil, que vivencia ares reacionários desde as grandes eleições de 2014, surgiram diversos grupos de atuação política dentro do país e também mundo afora: a Rede de Brasileiros no Mundo contra o Golpe conta com representações em mais de 74 cidades.

Uma dessas representações acontece em Portugal: o Coletivo Andorinha – Frente Democrática Brasileira em Lisboa. O Coletivo surgiu em março de 2016, juntamente com as grandes manifestações no Brasil de apoio à permanência do governo eleito pelo processo democrático até então vigente no país.

## 2 | DESCOBRINDO FORMAS PRÓPRIAS DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL: A EXPERIÊNCIA DE “COLETIVO”

Andorinhas!

Quem nunca as viu? Cantam e dançam, por cima de todas as coisas. Querem ouvi-las? Têm de levantar os olhos para o céu, o Zulwine, lavar os olhos no azul que tranquiliza a alma e escutá-las. Elas inspiram-nos a descobrir a grandeza da alma na imensidão do mundo. Se queres conhecer a liberdade, segue o rasto das andorinhas (Ditado Chope)” (CHIZIANE, 2013)

As andorinhas são pássaros migratórios. Têm a expressão da liberdade agregadas ao seu nome. São pássaros encontrados em grande número no Brasil e em Portugal. Sendo assim, foram escolhidas para batizar e poetizar o coletivo recém-criado.

Formado em grande parte por brasileiros estudantes, professores e pesquisadores das mais diversas áreas, assim como por trabalhadores brasileiros e portugueses simpatizantes à causa, o Coletivo Andorinha tem como motor primeiro tentar compreender a situação política do Brasil atual e discutir contranarrativas não veiculadas pela mídia tradicional.

Essas contranarrativas se expressam em proposições das mais diversas naturezas, tais como atos/performances/manifestações de rua (Figura 1 e 2), criação de manifestos escritos e materiais gráficos (Figura 3), mesa de debates (Figura 4), ciclo de filmes, apoio e participação de eventos da cidade de Lisboa, assim como de associações organizadas com objetos afins. Neste um ano de existência, o grupo já soma mais de trinta e cinco atos realizados.





Figura 1- Ato em apoio à greve geral no Brasil e contra a PEC 241/55. 12nov2016. Praça do Rossio, Lisboa. Foto: Manuel Almeida/Agencia Luso.



Figura 2 - Ato em apoio à greve geral no Brasil e contra a PEC 241/55. 12nov2016. Praça do Rossio, Lisboa. Foto: Manuel Almeida/Agencia Luso.



Figura 3 - Material gráfico para divulgação de ação no dia 31 de julho de 2016. Ilustração: Alexandre Guedes.



Figura 4 - Encontro com a presidenta eleita do Brasil, Dilma Rousseff e o Núcleo do Partido dos Trabalhadores em Lisboa. 14mar2017. Casa do Alentejo, Lisboa. Foto: Filipe Ruffato.

O grupo trabalha de forma horizontal, de modo que as decisões são tomadas por aqueles que podem estar presentes e que podem doar seu tempo no momento. Sem a necessidade de hierarquização de cargos ou vontades, as ações acontecem ou quando notícias surgem por internet e são ocultadas pela mídia tradicional, tanto brasileira quanto portuguesa, ou quando convocados por eventos portugueses. As ações são coordenadas a partir do interesse, do desejo de alguns dos integrantes, seja de todos, seja de poucos (a partir das bases fundamentais da luta pela democracia no Brasil).

O Coletivo Andorinha se coloca como um espaço de reflexão e pensamento, que se traduz em seus manifestos, materiais gráficos e discursos, mas que se afirma nas ações de rua e nas produções de fotos e vídeos destas, em caráter de denúncia. Na tentativa de contar a história pelo ponto de vista não controlado pelo mercado, mas também de expurgar e de canalizar os sentimentos de frustração, decepção, raiva e medo presentes atualmente em um número expressivo da comunidade brasileira fora de seu país de origem.

Uma das preocupações atuais do grupo, é entender seu papel imagético. Vídeos produzidos no âmbito de suas performances/manifestações de rua alcançaram expressiva quantidade de visualizações, mesmo compostos por número reduzido de pessoas, se comparados às práticas ativistas realizadas no Brasil.

Há mais de um ano o grupo permeia áreas que estabelecem zonas de confluência entre política, arte, educação. Sem necessidade de estabelecer fronteiras entre estas, constrói modos de se organizar a partir das necessidades de se expressar

apresentadas pelas várias atualizações dos contextos, e que atualmente, no Brasil e no mundo, mudam drasticamente em dias.

### 3 | A ESCULTURA SOCIAL: TODO MUNDO UM ARTISTA

Eu acho que a arte é o único poder político, o único poder revolucionário, o único poder evolucionário, o único poder capaz de libertar a humanidade de toda a repressão. (BEUYS, 1990:34)

Joseph Beuys, artista, professor e atuante político, através de seu conceito *escultura social* discute relações de interdependência entre arte, política e educação. Para Beuys, a ideia de escultura, e de arte, era entendida de modo alargado, embriagada de uma atitude política.

O artista determina três estágios desta sua visão alargada de escultura e de arte. O primeiro estaria contido pelo campo das ideias, suas abstrações, seus moldes, sua energia caótica, “materiais invisíveis usados por todos”: *formas de pensamento*. O segundo estágio acontece no momento em que toda essa potência confusa passa por um afinamento, uma harmonia, uma contenção e se transforma em forma, em palavras: *formas faladas*. E no terceiro estágio acontece um processo determinado, no qual se cristalizam formas, onde se fazem conexões objetivas: *a escultura social* (BEUYS, 1990:19).

Estando os materiais invisíveis disponíveis a qualquer pessoa, e sendo qualquer indivíduo dotado de uma potência livre criativa em si, logo, todos podem ser artistas, “todo mundo um artista” (BEUYS, 1990:19).

Beuys entendia a arte como uma das engrenagens sociais, intrinsecamente conectada à política e a educação, trazendo em suas reflexões resquícios de sua própria história, uma vez que, além de artista, também foi professor e membro de organizações partidárias socialistas na Alemanha.

Considerava que a construção de uma obra de arte total se daria naturalmente em uma futura ordem social, perpassando por uma nova postura individual. De acordo com nossos perfis individuais e coletivos, através da liberdade que todos nós experimentamos, nós iríamos determinar a nossa participação nas esferas legislativas, econômicas e culturais. (BEUYS, 1990:22)

### 4 | INTERVIR NO MUNDO: A EDUCAÇÃO EXIGE LADO

Em favor de quê estudo? Em favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo? (FREIRE, 2002:47)

Ainda na perspectiva da amplitude e a interdependência dos saberes, sob o ponto de vista de um educador, Paulo Freire em seu livro *Pedagogia para a Autonomia*, quando discute “ensinar exige apreensão da realidade”, também vai dizer que “a

educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral” (FREIRE, 2002:41). Lida com objetos, com materiais físicos, mas também lida com medos, com frustrações, com construção estéticas e subjetivas.

Por isso, o professor deve estar em constante diálogo com seus alunos e sua realidade. Não existe educação sem contexto, sem propósito. É preciso ter a consciência de que a educação, a escola presta serviço a um sistema, que valoriza o mercado em detrimento do humano.

É função da educação, e conseqüentemente do professor, lutar contra as lógicas globalizadas fatalistas na sala de aula, que tentam “convencer os prejudicados das economias submetidas de que a realidade é assim mesmo” (FREIRE, 2002:78)

O discurso político está contido em cada ação do educador, estando ele consciente disto ou não. Está contido nas escolhas dos programas, nas proposições de desafios, nos modos de se construírem os saberes. E não apenas nestes. O educador, não deveria ser um mero reproduzidor de técnicas, pois deste modo está apenas a atender interesses dominantes.

É reacionária a afirmação segundo a qual o que interessa aos operários é alcançar o máximo de sua eficácia técnica e não perder tempo com debates ideológicos que a nada levam. O operário precisa inventar, a partir do próprio trabalho, a sua cidadania que não se constrói apenas com sua eficácia técnica mas também com sua luta política em favor da recriação da sociedade injusta, a ceder seu lugar a outra menos injusta e mais humana. (FREIRE, 2002:63)

Ao mesmo tempo, também é ingênuo acreditar que uma revolução pode ser ditada a partir de uma sala de aula. Pois, por maiores que sejam a esperança e a boa vontade do educador, a escola não é uma força que atua livremente, sem obstáculos e sem duras dificuldades. (FREIRE, 2002:61)

A utopia pode levar a frustrações e ao fracasso. É preciso ter consciência que a escola é parte de uma engrenagem mercadológica que não pretende criar seres autônomos, críticos, cidadãos conscientes de seu papel no mundo. Segundo o autor, seguindo os ideais dos dominantes, a educação é concebida para amansar mentes, para conter os indivíduos de modo imobilizador e ocultar destes verdades e realidades. (FREIRE, 2002:61)

É preciso trabalhar a partir dessa consciência, com potência e assertividade para subverter a lógica estabelecida nos espaços que sejam possíveis, mas tendo em vista que, para o fazer, é necessária definição. É necessário que se tomem posições, entendendo que a educação, que a prática educativa nunca é neutra. E o mero *tentar ser* é estar do lado do dominante, do opressor.

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. (FREIRE, 2002:63)

## 5 | CONCLUSÃO

As ações desenvolvidas pelo Coletivo Andorinha em seu um ano de existência contemplam em si possibilidades de confluências entre arte, política e educação, a partir de manifestações rua, intervenções urbanas, criação de manifestos, de conteúdo midiático independente; de escolhas inventivas, criativas, inerentes às práticas humanas que permeiam os campos citados.

Entre o ativismo político e a arte performativa, o pensamento político se confunde e se representa a partir de escolhas estéticas e críticas, capazes de conterem em si sentidos redimensionados de formação, de arte e de política.

A olhar pela perspectiva dos estágios apresentados por Beyus, as formas de pensamento, a caótica potência criativa apresentada pela nossa liberdade individual fazem do Coletivo um lugar para o reconhecimento destas *formas de pensamento*, ao mesmo tempo que o constante ato de falar, de discursar, de debater e de escrever, inerentes em suas ações, o faz percorrer o segundo estágio chamado por Beyus de *formas faladas*.

O terceiro estágio, escultural, artístico, social, em uma nova ordem pensada pelo viés da arte, se apresenta nas ações desde a rua até a utilização de ambientes virtuais e poderia estar no âmbito do que Beyus define como *escultura social*.

Beyus ainda vai defender que a arte é o único meio evolucionário-revolucionário capaz de desconstruir os efeitos de um sistema repressivo.

Só uma concepção de arte revolucionada até este ponto pode se transformar em uma força politicamente produtiva, percorrendo cada pessoa e moldando a história. (BEYUS, 1990:22)

Se para Beyus a arte era capaz das mudanças necessárias de paradigmas, para Freire é através da educação que esta afirmação amplificada é ressignificada. “A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política.” (FREIRE, 2002:69)

Freire ainda chama para os educadores a responsabilidade de refinar as posturas rebeldes e as transformar em posturas revolucionárias “que nos engajam no processo radical de transformação do mundo” (FREIRE, 2002: 47)

É preciso transformar os rebeldes em revolucionários. Para Beyus, através da potência caótica da arte. Para Freire, através da conscientização daquele que estuda, seja de que área for. Para o Coletivo Andorinha, nas formas de se colocar no mundo, de pensar suas práticas, de se unir aos que também se rebelam e se revoltam contra o retorno da manutenção imoral do privilégio de poucos. Em tempos atuais, em que uma ala reacionária, preconceituosa, conservadora se revela e se consolida não só no Brasil como no mundo, arte e educação só podem ser, só podem acontecer, por excelência, como lugares de resistência, de pensamento crítico, com consciência de seu viés estético, ideológico e político.

## REFERÊNCIAS

CHIZIANE, Paulina (2013) **As andorinhas**. Belo Horizonte: Nandyala.

FREIRE, Paulo (2002) **Pedagogia da Autonomia**. Publicado originalmente em 1996. Versão online 2002. Coletivo Sabotagem. Disponível em:  
[https://sonhosdeumprofessordeeducacaofisica.files.wordpress.com/2015/09/pedagogia\\_da\\_autonomia\\_-\\_paulofreire.pdf](https://sonhosdeumprofessordeeducacaofisica.files.wordpress.com/2015/09/pedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf)

BEYUS, Joseph (1990) **Joseph Beyus in America: Energy plan for the Western Man**. Writings by and Interviews with the Artist. Compiled by Carin Kuoni. 1<sup>a</sup> ed. New York:Four Walls Eight Windows. (tradução nossa)

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-057-5

